

REPRESENTAÇÕES FEMININAS DA REVOLUÇÃO RUSSA NAS REVISTAS ILUSTRADAS (1917-1930)Luciene Cardoso¹

RESUMO: Aproveitando a efeméride dos 100 anos da Revolução Russa de outubro de 1917, o artigo examina o papel da mulher na revolução através de imagens e discursos nas revistas ilustradas *Careta*, *Fon Fon*, *Leitura para Todos* e *Revista da Semana*, entre 1917 e 1930.

Palavras-chave: Revistas Ilustradas, mulheres, Revolução Russa.

ABSTRACT: Taking advantage of the 100th anniversary of the October 1917 Russian Revolution, the article examines the role of women in the revolution through the use of images and speeches in *Careta*, *Fon Fon*, *Leitura para Todos* and *Revista da Semana*, illustrated magazines between 1917 and 1930.

Key-words: Illustrated Magazines, women, Russian Revolution.

São infinitas as possibilidades de pesquisa histórica com os novos recursos tecnológicos existentes em arquivística. A Biblioteca Nacional possui todas as revistas ilustradas pesquisadas já digitalizadas e disponíveis *online* em sua Hemeroteca Digital. A plataforma digital criada pela Biblioteca é um facilitador para os pesquisadores e estudantes. Nesse sentido, constatamos como a Revolução Russa ocupou o espaço nas revistas, a partir da pesquisa nos seguintes periódicos: *Fon Fon* (1907-1958), *Careta* (1909-1964), *Leitura Para Todos* (1905-1930) e *A Revista da Semana* (1900-1918).

Desse modo, o artigo ora apresentado pretende apresentar o papel das mulheres na Revolução Russa, através das páginas das revistas ilustradas. Para esse fim, escolhemos algumas personagens e matérias publicadas, contudo, ressaltamos que o tema não se esgota em si. Do ponto de vista das representações, foi uma pesquisa abrangente que permitiu verificar como o comunismo russo e os acontecimentos e personagens relativos à Revolução foram também vinculados ao cotidiano e cultura política inerentes à cultura política brasileira, pois, em inúmeros

¹ Pós-Doutora em História pela USP. Atua como pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em História Social da Puc-Rio. Idealizadora do canal "Entreconexões", no youtube, voltado para a difusão cultural através de entrevistas e para a elaboração de documentários.

casos, o tema aparece nas revistas problematizando temas da política nacional.² Todavia, é preciso fazer a ressalva de que os discursos presentes nas revistas são plurais e mais complexos do que possam parecer à primeira vista e às vezes, pois, aparecem críticas e elogios ao processo revolucionário, principalmente quando os textos comparam a experiência russa com a brasileira em termos de direitos sociais, políticos e civis para as classes subalternas ou em questões relacionadas à mulher.

O certo é que logo nos primeiros anos, a questão da mulher foi um tópico interessante e importante de destaque quando os impressos passaram a apresentar a Revolução Russa. O público feminino era um relevante grupo de leitores para as quais se destinava a maioria das revistas ilustradas pesquisadas. Ressalta-se que os veículos de imprensa abordavam a moda e o universo feminino. Diversas matérias discutiram as mudanças relativas ao gênero, inclusive no que dizia respeito aos novos costumes e ao papel da mulher na revolução em curso, o surgimento de uma nova família e a proteção às crianças.

Mas quem eram essas mulheres que se envolveram na revolução? Quais eram as suas histórias, seus dilemas, as suas reivindicações, quais papéis tiveram nesse processo? Ainda na história da Revolução Russa, quiçá na história do Brasil e do mundo, se constata que as figuras mais citadas, procuradas e conhecidas são do gênero masculino. Apesar da compreensão de que todos temos o protagonismo, pois somos seres históricos, a História, com H maiúsculo, "esqueceu" das mulheres, como bem apontou a historiadora francesa Michelle Perrot, como se elas estivessem fora do tempo ou dos acontecimentos. O certo é que a conquista dos direitos sociais, políticos e jurídicos das mulheres foi um processo longo, marcado pela opressão e pelo preconceito, até mesmo como um campo de estudo ignorado por parte dos historiadores (PERROT, 2005).³

² A noção de representação inspira-se nos estudos do historiador Roger Chartier, que examina “a problemática do mundo como representação, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam”, o que “conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a vez a pensar o real” (CHARTIER, p. 25, 1990).

³ Coube à terceira geração da *Escola dos Annales*, a chamada “Nova História”, o surgimento de uma nova dimensão denominada de História Social com a introdução de estudos originais como a história do cotidiano, das classes sociais, dos considerados excluídos da História e a “história vista de baixo”.

Durante muito tempo a participação das mulheres na esfera pública foi considerada um tabu para a sociedade brasileira. Mas a realidade não era muito diferente do que ocorria na Rússia das décadas de 1910 e 1920, pois lá, como aqui, o autoritarismo e a repressão faziam parte da vida cotidiana da população de cerca de 132 milhões de pessoas, de acordo com o recenseamento de 1897. As mulheres se encontravam entre os segmentos mais oprimidos da sociedade russa, pois inexistiam quaisquer garantias sociais para elas. Além das dificuldades e das constantes humilhações, recebiam salários baixíssimos em relação aos dos homens, longa jornada de trabalho, ausência de apoio estatal por ocasião de doenças, gravidez ou desemprego. Para compreender o processo de participação feminina no processo revolucionário de 1917 e a luta pelos direitos e pela igualdade se faz necessário retroceder brevemente em alguns acontecimentos objetivando apreender como se configurava a estrutura da sociedade russa daquele período. Segundo Wendy Goldman,

À medida que cada vez mais mulheres se viam forçadas a trabalhar por salários com o advento da industrialização, o conflito entre as demandas da produção e da reprodução resultou em alto índice de mortalidade infantil, lares desfeitos, crianças negligenciadas e problemas crônicos de saúde. Um rápido olhar pelas janelas imundas de qualquer dormitório de fábrica na Rússia no final do século XIX proporcionava amplo apoio para esse ponto de vista. As mulheres haviam ingressado na força de trabalho, mas ainda eram responsáveis por criar os filhos, cozinhar, limpar, costurar, remendar – o trabalho penoso e mecânico essencial para a família. As responsabilidades domésticas das mulheres impediam-nas de ingressar nos domínios públicos do trabalho, da política e de empreitadas criativas em pé de igualdade com os homens (GOLDMAN, 2014, p. 11).

Como característica desse patriarcalismo, a transmissão da herança era somente possível para os filhos ou parentes do sexo masculino. Além disso, os casamentos arranjados eram bem comuns apesar da condenação da Igreja Ortodoxa. Desse modo, o acesso à terra era restrito aos homens. Os casamentos favoreciam aos homens, como um acordo econômico, em especial, à família do noivo, pois absorvia a mão de obra da noiva. Os camponeses consideravam o

casamento como algo necessário para todos, digno de respeitabilidade. As mulheres que não se casavam eram consideradas párias da sociedade. Porém, eram excluídas desta categoria as curandeiras ou as que possuíam vocações religiosas (ENGEL, 1996; pp. 16-18).

Sem acesso às terras, a maioria das mulheres solteiras realizavam pequenos trabalhos para os outros. Contudo, em 1897, de acordo com o primeiro e único recenseamento realizado no Império Russo⁴, apenas 4% das mulheres entre 45 e 49 nunca se casaram, o casamento era algo esperado e comum naquela tradicional sociedade russa camponesa. Cerca de 13% das mulheres eram alfabetizadas. A fertilidade na Rússia era maior do que em qualquer outro país da Europa. O comum era o nascimento de oito a dez crianças, embora cerca da metade sobrevivesse a idade adulta. A lei russa estabelecia que a idade mínima para o casamento era de dezesseis anos, porém definia a idade do sexo consentido a partir de quatorze anos (POKRÓVSKAIA *apud* SCHNEIDER, 2017, p. 68).

Quando o marido recebia o *status* de chefe de família, as mulheres, por seu turno, garantiam para si a autoridade perante as suas filhas e as noras, gerando inúmeras tensões no seio das famílias. Não era incomum a violência e os castigos impetrados contra as mulheres solteiras ou casadas. Além disso, as crianças consideradas ilegítimas eram excluídas da sociedade, negando-lhes acesso às terras comunais (ENGEL, 1996, pp. 16-18).

De fato, as leis russas concediam poucos direitos às mulheres. A mulher devia obediência ilimitada ao marido, bem como era obrigada a adotar o seu nome ao se casar. Além disso, era proibido trabalhar, estudar e receber passaporte para trabalho ou residência sem a prévia autorização, apesar das reformas de 1914, quando se autorizou a separação conjugal e a obtenção de passaporte. De acordo com a médica e revolucionária Maria I. Pokróvskaia, o Estatuto do Passaporte estabelecia que as mulheres casadas só podiam adquirir um passaporte com o consentimento do marido, “os indivíduos sem passaporte são considerados vagabundos e enviados em comboio de presos para um lugar de moradia” (POKRÓVSKAIA *apud* SCHNEIDER,

⁴ O censo separou ainda os habitantes entre nobres, clero, comerciantes, pequeno-burgueses e camponeses com deveres e direitos definidos.

2017, p. 62).⁵ Mais adiante relatava que, de acordo com o Código Civil, “a esposa tem a obrigação de obedecer ao marido enquanto chefe da família, viver com ele em amor, respeito e submissão ilimitados, conceder a ele toda complacência e afeição com dona de casa”.

Por outro lado, a lei não autorizava a propriedade compartilhada, o que significava, na prática, que a herança e o dote, por exemplo, pertenciam exclusivamente às mulheres. Contudo, era praticamente impossível o divórcio na Rússia pré-revolucionária devido ao posicionamento da Igreja Ortodoxa que entendia a união como um sacramento sagrado; se consentia apenas em situações de adultério comprovado, de impotência ou de exílio prolongado (GOLDMAN, 2014, p. 31). As relações de poder maritais se estendiam entre os pais e filhos. Nesse sentido,

O pai exercia poder quase incondicional sobre seus filhos, não somente até a maioridade, mas por toda a vida. Somente filhos de um casamento reconhecido eram considerados legítimos; filhos ilegítimos não tinham direitos ou recursos legais. Até 1902, quando o Estado aprovou reformas ilimitadas, um filho ilegítimo somente poderia ser adotado, reconhecido ou posteriormente legitimado através do consentimento imperial especial, mesmo se o pai estivesse disposto a isso (GOLDMAN, 2014, p. 31).

Embora as leis e os costumes russos restringissem a atuação das mulheres na esfera pública, lhes negando direitos e melhores condições de vida no trabalho, algumas vozes femininas tiveram lugar de destaque na história da Rússia revolucionária. Nesse sentido, Graziela Schneider destacou a trajetória de algumas dessas personagens revelando a sua importância para a história das mulheres.

Além disso, destacou que em fins dos Oitocentos surgiram várias associações voltadas para as lutas femininas, tais como a Sociedade Russa de Defesa das Mulheres, o Partido Progressistas das Mulheres, a União pela Igualdade das

⁵ A médica revolucionária Maria Ivánovna Pokróvskaja envolveu-se na criação do Partido Progressista das Mulheres. Em 1908, participou da organização do 1º Congresso de Mulheres de Toda a Rússia, além disso, em 1917, integrou a delegação que reivindicava o direito feminino ao voto e a candidatura em cargos políticos. Sobre isso, ver, SCHNEIDER, Gabriela (org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia Soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017, pp. 49-69.

Mulheres e a Liga da Igualdade de Direitos das Mulheres, esta última considerada como a responsável pela promoção da marcha de 8 de março, que reuniu cerca de 900 mil mulheres, fundamental para o desenrolar do processo revolucionário de 1917. Nesse sentido, não podemos ignorar o papel dessa manifestação, pois:

Considera-se que esse protesto tenha sido o estopim das Revoluções Russas de Fevereiro e Outubro, quando milhares de operárias têxteis iniciaram uma greve geral e se manifestaram contra a fome, o tsarismo e o governo provisório, que havia incluído o sufrágio feminino em sua agenda (SCHNEIDER, 2017, p. 13).

Algumas dessas revolucionárias tiveram seus nomes em destaque nas páginas das revistas ilustradas. Aliás, a *Revista da Semana*, em 1917, ressaltou o papel das mulheres na História da Rússia. A capacidade de ação dessas “amazonas eslavas” ou “guerreiras russas”, amplamente registrada nos livros de grandes romancistas russos, foi também disseminada no imaginário ocidental sobre o processo revolucionário, retratada como “mulheres quase inverossímeis para a nossa imaginação e os nossos hábitos”.

Na coluna "Cartas de Mulher", assinada pelo pseudônimo de "Iracema", divulgou-se uma crônica sobre a "Legião Feminina da Morte".⁶ Publicada semanalmente entre 1914 e 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, a coluna tinha por intenção provocar os leitores de ambos os sexos sobre os temas do mundo feminino. Não se restringia apenas ao universo da família, da casa, da moda ou da decoração, mas o debate se estendia à atuação na esfera pública, à emancipação feminina, ao acesso à educação e ao mundo do trabalho (COUTO, 2010).

Ao que parece, a "Legião Feminina da Morte" surgiu no momento de deserção ou capitulação dos soldados, incentivando, naquele período de crise e de caos inerente ao processo revolucionário, à "coragem e ao amor da pátria". Segundo "Iracema", as mulheres foram lideradas pela revolucionária Bochkariova, isto é, Maria Bochkareva, que foi considerada a primeira mulher a liderar uma unidade

⁶ "Cartas de mulher. A Legião Feminina da Morte". *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1917, ano XVII, n. 26, p. 16.

militar, também lembrada como a "Joana D'Arc russa". Assim, como a francesa, de origem camponesa com uma trajetória trágica, Bochkareva se tornaria um dos símbolos da Rússia revolucionária ao lutar na Primeira Guerra Mundial. A sua atuação atraiu a atenção de diversos correspondentes e de fotógrafos internacionais, que colaboraram para a construção do imaginário em torno dela.⁷

É no momento em que os soldados arremessam as armas, em que os regimentos maximalistas desertam ou capitulam, que se organiza a legião feminina da morte, destinada a incutir aos homens, pelo exemplo, a coragem e o amor da pátria. São camponesas quase incultas, professoras, médicas, enfermeiras, estenógrafas, mulheres de todas as condições que se agrupam sob o comando da já célebre Boschkaríova, a Joanna D'Arc russa, e pedem ao governo que as mande para os campos de batalha, a verter o sangue pela pátria e a preencher as vagas deixadas em aberto pela cobardia ou pelo desatino dos homens.⁸

A crônica da *Revista da Semana* enaltecia a mulher russa, ao lembrar que, ao contrário das mulheres ocidentais, as eslavas surpreendiam pela força e pela coragem. Apesar da determinação ter levado um grande número delas ao "cárcere e o desterro na Sibéria, a dedicação heroica e os serviços prestados à causa dos revolucionários". Ressaltava, ainda, que entre os exilados em Paris, em Londres ou até na Suíça se destacavam as figuras femininas, volta e meia retratadas pelos romancistas russos. Inicialmente a revolução defendia as reivindicações sociais, porém, "o ideal russo era o grosseiro esboço de um estado comunista, com a aplicação de muitas das doutrinas pregadas pelos apóstolos do anarquismo e divulgados pelos seus discípulos".⁹ Mas, com o desenrolar dos acontecimentos, o ideal de paz se perdeu, quando Lênin tomou o poder. O texto revelou como a multidão encarou com preconceito a saída daquele batalhão feminino munido de uniformes e de armas de São Petersburgo, à época Petrogrado, para atuar na ofensiva determinada por Alexander Kerensky contra a Alemanha na Grande Guerra.

⁷ Em 1919, Maria Bochkareva publicou sua autobiografia intitulada de *Yashka, my life as peasant, officer and exile*. Disponível em <https://archive.org/details/yashkamylifeasp02levigoog> Acesso em 14 de setembro de 2017.

⁸ "Cartas de mulher. A Legião Feminina da Morte". *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1917, ano XVII, n. 26, p. 16.

⁹ Idem.

O sentimento de rejeição se estendia aos soldados que tentavam invadir, à noite, os barracões onde estavam alojadas as soldadas, que resistiam às investidas e agressões verbais. A situação enveredou para outro caminho quando elas sofreram um ataque e algumas delas foram encaminhadas a um hospital na cidade de Minsk. Antes ridicularizadas, em outra ocasião foram recebidas como heroínas. A população local entusiasmada foi ao seu encontro, "cercando-as de bandeiras e abraçando-as". A admiração foi compartilhada por "Iracema" que exaltou os valores dessa nova mulher do século XX "redimida e engrandecida", ao mesmo tempo em que questionava ainda a recusa do direito ao voto feminino no mundo:

Estas guerreiras russas, que vão para as batalhas, em coisa alguma se parecem com a americana *miss* Rankin que vota contra guerra no congresso americano. Estas amazonas eslavas parecem as longínquas e bárbaras antepassadas das piedosas enfermeiras das Cruz Vermelhas. Não será, certamente, com o seu exemplo heroico e com o seu sacrifício que a humanidade se aproximará dos ideais pacíficos. Mas não deixa de ser sintomática a concessão dada às mulheres russas para se baterem na guerra, quando em quase todas as nações do mundo ainda se negam à mulher os direitos pacíficos do voto. Quem nos diria que a mulher eleitora seria antecipada pela mulher guerreira?¹⁰

Outra revolucionária lembrada nas páginas das revistas ilustradas foi Catharine Breshkovsky, considerada a avó da Revolução Russa. A coluna "Pelo Mundo Fora", da *Revista da Semana*, informava ao seu leitor que o governo provisório anistiou vários dos condenados políticos pela Rússia Imperial, entre os quais a octogenária revolucionária que foi devidamente homenageada.¹¹

¹⁰ Idem.

¹¹ Seção "Pelo Mundo Fora. A avó da Revolução". *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 05 de maio de 1917, ano XVIII, n. 13, p. 25.

A avó da Revolução * * * *

Quando, com o advento do novo governo russo, foi concedida amnistia a todos os condenados políticos, Petrogrado recebeu a "avó da Revolução", Catharina Breschkovsky.



A recepção da respeitável senhora foi um verdadeiro acontecimento. A Rússia livre prestou as devidas homenagens a essa veneranda octogenária que, pelos seus ideais, passou na Sibéria a metade da vida.

Fig. 1

Fonte: *Revista da Semana*, 5 de maio de 1917, ano XVIII, n. 13, p. 25. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional



Fig. 2

Fonte: *Fon-Fon*, ano XII, n. 09, 02 de março de 1918, p. 05. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Em março de 1918, a *Fon-Fon* revelou que a "avó da revolução" havia sido presa pelos líderes bolcheviques. Ao que parece, a revolucionária, "vítima da tirania libertária", se identificava com a política adotada pelo governo de Kerensky, que defendia a permanência da Rússia na Grande Guerra.¹² Com a sua prisão, Catharine Breshkovsky tornou-se a "mais convicta e fervida adversária" do "programa maximalista". De acordo com a *Fon-Fon*, em 1919, ela excursionou pelos Estados Unidos "a fim de iluminar o entendimento do povo americano sobre as intenções e

¹² "Breschkowska". *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 02 de março de 1918, ano XII, n. 09, p. 05.

as realidades do bolchevismo" e depois dirigiu-se para França como uma representante do antibolchevismo concedendo inúmeras entrevistas.¹³

A revista *Careta* retomou o tema da "avó da revolução".¹⁴ Na ocasião, veio elucidar a identificação correta da mulher que recebeu o afetuoso apelido. Um desencontro de informações originou um equívoco sobre duas personagens femininas que receberam a mesma alcunha. Uma delas chamada de Spiridovnska se tratava, na verdade, de Maria Alexandrovna Spiridonova. O periódico relatou em tom de suspeita a suposta atuação de uma "certa mulher, Spiridovnska, à qual atribuem grande influencia". No entendimento deles, como uma senhora que já teria sido presa anteriormente, poderia ter "forças para conspirações", ainda mais sabendo que ela estaria novamente presa por ordem de Lênin? A revista questionava quem haveria de ter confundido as duas figuras revolucionárias, e indagava:

Quem então inventou-a como avó da revolução? Dizem que os correspondentes dos jornais estrangeiros em Petrogrado, pois a revolução russa não teve avó, nem avô, sendo que entre o povo da Rússia, tanto o homem como a mulher, desde séculos, mal firmam os passos na vida, dirigem-se logo a um qualquer centro político, onde fazem a sua profissão de fé revolucionária.¹⁵

Nascida em 1885, de origem nobre, Maria Alexandrovna Spiridonova ingressou no Partido Socialista Revolucionário em 1905. No ano seguinte, assassinou um militar como represália à brutal repressão aos camponeses envolvidos na Revolução de 1905, o que acarretou a sua prisão na Sibéria (MCCAULEY, 1997: 198). As notícias dos maus tratos sofridos no seu longo cárcere chegaram ao povo. Com a Revolução de Fevereiro, ela emergiu como heroína, se tornando umas das líderes dos socialistas revolucionários.

Já Catherine Breshkovsky, a Baboushka, era de fato a avó da Revolução. Também de família aristocrática, nascida em 1844, ela se envolveu com o chamado

¹³ "Babouchka". *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, ano XIII, n. 48, p. 15.

¹⁴ *Careta*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1918, n. 529, ano XI, p. 4.

¹⁵ Idem.

movimento Narodnik na década de 1870. O grupo era composto, em sua maioria, por jovens estudantes e intelectuais que se dirigiam as áreas rurais para disseminar os ideais socialistas entre o campesinato. O ativismo político daqueles militantes se defrontou com a repressão à liberdade de expressão imposto pelo czarismo russo. Desse modo, a atuação de Catherine Breshkovsky lhe valeu a prisão e o exílio na Sibéria em 1878. Depois de liberta, ela participou da criação do Partido Socialista Revolucionário em 1901. Perseguida, voltou a ser presa em 1905. Solta em 1917, participou do governo provisório de Kerensky. Quando os bolcheviques tomaram o poder em outubro daquele ano, decidiu fugir para os Estados Unidos e Japão, vindo, posteriormente, a se exilar na Tchecoslováquia (RIHA, 1969, p. 344).¹⁶

Assim, como Catherine Breshkovsky, Maria Aleksandrovna Spiridonova não assentiu com o rumo tomado pelos bolcheviques. Perseguida, voltou à prisão, sendo executada em 1941. De todo modo, ambas revolucionárias, reveladas pelas revistas ilustradas, brevemente retratadas nessas linhas, exemplificam o papel singular que as mulheres tiveram no processo revolucionário. Mas, por outro lado, assinalava uma visão preconcebida sobre a função e o lugar da mulher, fosse ela uma jovem ou uma anciã na sociedade, seja na Rússia como no Brasil.

Também o periódico *Leitura Para Todos* trouxe para as suas páginas a avó da Revolução Russa, mas apresenta um retrato de uma velhinha, diferente da matéria da *Careta* que aponta que não se tratava de uma idosa, e sim de uma jovem com outro nome. Haveria mais de uma avó da revolução?

Por muito que tenha errado, essa velhinha, lutando por um espírito mais caritativo e um melhor entendimento a favor dos seus patrícios, deve ser julgada com sympathia. Ela viveu a vida toda dentro de um belo sonho: o da igualdade dos homens. Esse belo sonho, durante o tempo em que a Rússia vivia escrava dos autocratas, levou-a ao cárcere, muitas vezes. Agora, com o povo a governar estará feliz Catharina Breshkovsky?...Ou terá saudades do tempo de Nicolau II?¹⁷

¹⁶ Em 1918, Catherine Breshkovsky publicou seu livro de memórias intitulado de *The little grandmother of the Russian Revolution: reminiscences and letters of Catherine Breshkovsky*. Disponível em <https://archive.org/details/littlegrandmothe00bres> Acesso em 14 de setembro de 2017.

¹⁷ "A avó da Revolução Russa". *Leitura Para Todos*, Rio de Janeiro, agosto de 1919, n. 1, p. 98.

Provavelmente não houve outra avó com o mesmo peso simbólico como a figura de Catherine Breshkovsky. O certo é que no início do século XX, o governo do czar Nicolau II se deparou com um número considerável de mulheres insurgentes e consideradas terroristas, muitas delas ligadas ao partido recentemente criado. A participação das mulheres no campo da política, envolvidas em atos extremos e confinadas no cárcere, teve grande repercussão, uma vez que até as prisões eram considerados espaços do domínio masculino. A intrusão feminina em outras esferas representava o desvio da regra. De acordo com Nadezda Petrusenko, o julgamento e a prisão de Maria Aleksandrovna Spiridonova demonstraram a dificuldade da justiça russa em aceitar e compreender a sua atuação no atentado contra o oficial russo. O discurso variava entre vítima e agente política (PETRUSENKO, 2014, p. 235).

De fato, a Revolução Russa trouxe mudanças significativas para as mulheres. Em fins de 1917, decretos substituíram o casamento religioso pelo civil, a proteção legal às crianças e autorizavam o divórcio independente do cônjuge solicitante. No ano seguinte, um novo código civil entrou em vigor, abolindo privilégios masculinos e dissipando antigos valores. Qualquer criança nascida dentro ou fora do casamento era considerada igual perante a lei, bem como se estabelecia a igualdade entre o homem e a mulher, incluindo a salarial. Porém, se mantinha o registro de casamento, a pensão alimentícia e o subsídio de menores, que garantia a existência da união familiar. A interrupção da gravidez era permitida e gratuita, apesar de não ser encorajada, sendo realizada somente em hospitais públicos, desautorizando a procura pelas tradicionais parteiras. A prostituição, por seu turno, passou a ser considerada crime. Em contrapartida, não se penalizava quem a praticava, mas se buscava criar melhores condições de vida e de trabalho. Além disso, as mulheres tiveram garantidos finalmente o direito ao voto e a se candidatarem a cargos públicos.

Outras medidas bem modernas se referiam à ampliação do acesso à educação técnica e superior, bem como a criação de jardins de infância, escolas, lavanderias, restaurantes e moradias comunitárias, que de acordo com o pensamento socialista, abolia a milenar repressão do trabalho doméstico feminino

que deveria ser socializado. Em relação às crianças, se proibia a adoção de órfãos com intuito de impedir o uso de sua mão de obra não remunerada, em especial nas áreas rurais. Desse modo, se difundia a ideia de que os cuidados com as crianças deviam ser coletivos, enaltecendo, assim, o poder público em detrimento do privado. Contudo, a realidade continuava penosa para a população russa.

De todo modo, pudemos constatar que as novas leis adotadas pelos bolcheviques asseguravam a proteção às mulheres e crianças. Porém, as informações, as imagens e as notícias que eram reproduzidas nas revistas ilustradas colaboraram para difundir um discurso distorcido e fortuito sobre o imaginário popular das Revoluções Russas de fevereiro e de outubro de 1917 no Brasil. O envolvimento das mulheres no processo revolucionário, bem como o surgimento do protagonismo feminino com a criação de novas leis, ao lado de um suposto novo modelo de família e a proteção à infância ganharam as páginas dos periódicos ilustrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUXHOEVEDEN, Baroness Sophie. *The life and tragedy of Alexandra Feodorovna, empress of Russia*, 1928.

Disponível em <https://archive.org/details/lifetragedyofale00sofi> Acesso em 14 de setembro de 2017.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

COUTO, Maria Savelli Sanches do. *Cartas de Iracema*: antologia anotada de crônicas do período de 1914 a 1918 da seção “Cartas de Mulher”, da *Revista da Semana*, assinadas sob o pseudônimo Iracema. Doutorado (Tese), Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, UFF, 2010.

ENGEL, Barbara Alpern. *Between the fields and the city*. Women, work and family in Russia, 1861-1914. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1996.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução*: política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936. São Paulo: Boitempo, 2014.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Podemos escrever a história da Revolução Russa. *Sobre História: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KARAWCZYK, Mônica. Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura: uma parceria inusitada. *GÊNERO*, Niterói, v. 14, n. 2, 1. sem. 2014.

Disponível em <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/625/379>

Acesso em 10 de setembro de 2017.

LÖWY, Michel (org.). *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: UNESP, 2017

_____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

MAIA, Andréa Casa Nova; CARRIS, Luciene; SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. *Lições de História: temas de história e historiografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2000.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.

PETRUSENKO, Nadezda. A Female Agent of Political Violence in Pre-revolutionary Russia: Gendered Representations of Maria Spiridonov". *Journal of History of Culture, Science and Medicine*, 2014. Vol. 5. No. 9.

Disponível em <http://www.kaleidoscopehistory.hu/index.php?subpage=cikk&cikkid=198> Acesso em

14 de setembro de 2017.

RAGO, L. M. Entre o feminismo e o anarquismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. *Verve* (PUCSP), v. 21, 2012.

RAGO, Margareth. *Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri*.

Disponível em: <http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf> Acesso em 10 de setembro de 2017.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução que mudou o mundo: Rússia, 1917*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RIHA, Thomas. *Readings in Russian Civilization*. v. 2: Imperial Russia, 1700-1917. Chicago: University of Chicago Press Chicago, 1969.

SCHNEIDER, Gabriela (org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia Soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *Os paradoxos da Revolução Russa: novas teses sobre o stalinismo, as guerras e a queda da URSS*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

Recebido em 14/12/2017
Aprovado em 30/01/2018